SBH
ltp 42 fcx20

Sérgio Buarque de Holanda, o homem que não quis ser 'imortal'

EDILBERTO COUTINHO

Era muito solicitado para isto. Mas o Sérgio Buarque de Holanda, ao contrário do que noticiou um jornal do Rio de Janeiro, não pertenceu à nossa agremiação

Quem corrige o informe é o presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Athayde, que adianta:

— Vários companheiros tentamos convencê-lo, mas ele não quis jamais candidatar-se. Fomos muito amigos. Nos anos 20-30 formamos um trio praticamente inseparável, ele, o Prudente de Moraes Neto e eu. Nos víamos todos os dias. Sua interpretação da psicologia do povo brasileiro ficará como um marco em nossa cultura. O amigo que acabamos de perder foi um grande historiador e um dos quatro ou cinco homens de Letras que teriam ingresso garantido na Academia, se quisessem. Ele, Carlos Drummond de Andrade, Gilberto Freyre, Antônio Cândido... Outro que teria entrado para a ABL, bastando candidatar-se, e também não o fez, foi o Erico Veríssimo.

Sérgio Buarque de Holanda nasceu em 11 de julho de 1902, na cidade de São Paulo, onde morreu sábado passado, dia 24 de abril. Iniciou a vida literária, ainda quando estudante, assinando artigos, ensaios, estudos sociológicos e de crítica, nos anos 1920. Revolucionário em sua ação como escritor, foi um ativo participante do Movimento Modernista, iniciado com a Semana de Arte Moderna de fevereiro de 1922. Com Prudente de Moraes Neto, fundou a revista modernista "Estética", que teve grande influência na renovação dos estilos literários e artísticos do Brasil. Certo espírito de aventura e de ânsia de conhecimento objetivo leva-o à Europa, fazendo-o percorrer — em missão jornalística — vários países, especialmente a Alemanha nos anos de 1929 a 1930. Em 1936 publica o seu primeiro livro — "Raízes do Brasil" — "obra que nasceu clássica", como disse bem o professor e crítico Antônio Cândido. Em 1976, no 40º aniversário do lançamento do livro célebre, lhe perguntamos:

— O "homem cordial", de que você fala em "raízes do Brasil", seria o "homem bom"?

Sérgio Buarque de Holanda revelou, então, que desejou referir-se, usando uma expressão do poeta e diplomata Ribeiro Couto, a "certas virtudes brasileiras, tão decantadas por estrangeiros que nos visitam, como a hospitalidade e a generosidade". E que representariam, "com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal".

O significado do 'homem cordial'

Para o autor de "Raízes do Brasil", seria engano supor que essas virtudes possam significar simples aparências de civilidade, "tipo boas maneiras", e nos dizia:

— São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante, diferente da civilidade de culturas mais sofisticadas e mais antigas do que a nossa, em que há qualquer coisa de coercitivo, no meu modo de ver, uma vez que ela pode exprimir-se — como efetivamente se exprime — em mandamentos e sentenças.

Sérgio Buarque de Holanda já escrevia trabalhos nos anos 20 e participou da Semana de Arte Moderna

Sérgio Buarque de Holanda advertia-nos de que o termo "cordial", conforme está implícito no seu texto, deve ser tomado "em seu sentido exato e estritamente etimológico":

— Nesse sentido — adiantava — faço questão de ressaltar o equívoco do grande poeta Cassiano Ricardo, que usa a expressão "homem cordial" para referir-se ao cidadão dos aperitivos, das "cordiais saudações", que são fechos de cartas tanto amáveis como agressivas. Entendo a cordialidade — e dela falo em meu livro — como uma espécie de capital sentimental dos brasileiros, que está na bondade, e até mesmo numa certa "técnica" da bondade, você entende? Assim como uma bondade mais envolvente, mais política, mais assimiladora. E assim que vejo a coisa.

Sérgio Buarque de Holanda enfatizou ainda, nessa conversa de 1976, a "grande diferença que existe entre o que está sustentado em 'Raízes do Brasil' e algumas interpretações que, no uso que fazem da expressão 'cordialidade', se eliminam, deliberadamente". E insistia:

— Nada a ver com os juízos éticos e as intenções apologéticas a que parece se inclinar o Cassiano Ricardo, depois de uma leitura equivocada do "Raízes do Brasil", quando passou a referir-se a essa "bondade" epidérmica e ao "homem bom" como se fossem coisas de que eu falara em meu ensaio.

Adiantava Sérgio Buarque de Holanda, muito explícito na sua teorização:

— Essa cordialidade de que falo é estranha, por um lado, veja bem, a todo formalismo e convencionalimo social. Não abrange, por outro lado, apenas e obrigatoriamente, a sentimentos positivos e de concórdia. A inimizade bem pode ser tão "cordial" como a amizade. Uma e outra, nascidas no coração, procedem, assim, da esfera do íntimo. Do familiar, do privado. A inimizade, quando pública ou política, se chamará, mais precisamente, hostilidade.

'Eu sou apenas o pai do Chico', dizia ele

Em comentário ao "Raízes do Brasil", o ensaista Antônio Cândido ressalta o método utilizado por Sérgio Buarque de Holanda, que "repousa sobre um jogo de oposições e contrastes, sem dogmatismos". Observou Antônio Cândido que, "num momento em que os intérpretes do nosso passado ainda se preocupavam sobretudo com os aspectos de natureza biológica, manifestando, mesmo sob a aparência do contrário, a fascinação pela 'raça' — herdada dos evolucionistas — Sérgio Buarque de Holanda puxou a sua análise para o lado da psicologia social, com um senso agudo das estruturas".

Antônio Cândido sustenta que, num tempo "ainda banhado de indisfarçável saudosismo patriarcalista", Sérgio Buarque de Holanda sugeriu que, "do ponto de vista metodológico, o conhecimento do passado deve estar vinculado aos problemas do presente". E, do ponto de vista político que, sendo o nosso passado um obstáculo, a liquidação das "raízes" era um imperativo do desenvolvimento histórico. Mais ainda, segundo Cândido: "Em plena voga das componentes lusas avaliadas sentimentalmente, Sérgio Buarque de Holanda percebeu o sentido moderno da evolução brasileira, mostrando que se processaria conforme uma perda crescente das características ibéricas, em benefício dos rumos abertos pela civilização urbana e cosmopolita, expressa pelo Brasil do imigrante, que há três quartos de século vem modificando as linhas tradicionais."

Preocupado em esclarecer o significado de "Raízes do Brasil", lembra Antônio Cândido que seu autor nos forneceu instrumentos para discutir os problemas de organização, sem cair no louvor do autoritarismo e atualizou a interpretação dos caudilhismos, que então se misturavam às sugestões do fascismo, tanto entre os integralistas (contra os quais é visivelmente dirigida uma parte do livro), quanto entre outras tendências, que se concretizariam, com Getúlio Vargas, na ditadura do Estado Novo, em 1937.

Foi Gilberto Freyre o responsável pelo lançamento de "Raízes do Brasil". Escolheu-o para volume inicial da coleção "Documentos brasileiros", da Editora José Olympio, que coordenou juntamente com Otávio Tarquínio de Souza, do primeiro ao 18º título (passando depois a responsabilidade a Afonso Arinos de Melo Franco). Sabemos que, desde a "Carta", de Pero Vaz de Caminha, os chamados "estudos brasileiros" constituem um capítulo fundamental de nossa literatura com importantes coleções como a "Brasiliana", da Companhia Editora Nacional, e esta "Documentos brasileiros", criada por Freyre, formando um gênero — paralelo à História e à Sociologia — que pode ser denominado de "prosa de idéias", e num sentido mais amplo, de "ensaísmo". Escolhendo "Raízes do Brasil", de Sérgio Buarque de Holanda, para volume inicial da coleção "Documentos brasileiros", salientou Gilberto Freyre que o autor "é uma daquelas inteligências brasileiras em que melhor se exprimem não só o desejo como a capacidade de analisar, o gosto de interpretar, a alegria intelectual de esclarecer".

Sérgio Buarque de Holanda — tão festejado, sempre, pelo ensaio de estréia — não é o autor de um livro só. Afonso Arinos de Melo Franco diz:

— Uma coisa é certa. Passar-se-ão muitos anos antes que um outro escritor brasileiro apresente obras que ultrapassem "Raízes do Brasil", "Visão do Paraíso" ou este admirável e tão pouco falado — não sei por quê — "Do Império à República".

Afonso Arinos recorda o amigo "de há meio século que mudou, nos meus vinte e poucos anos, a concepção da literatura e me abriu caminhos novos à curiosidade intelectual. E com saudade que me lembro do Sérgio daqueles tempos de faculdade, do seu monóculo, da sua extraordinária informação, da sua zombeteira capacidade de decifrar os enigmas que nos cercavam."

Tendo exercido durante algum tempo, o rodapé de crítica literária do "Diário de Notícias", do Rio de Janeiro, Sérgio Buarque de Holanda reuniu parte dessas matérias de jornalismo literário no volume "Cobra de vidro". Publicou ainda, entre outros, o livro "Monções" — sobre a História de São Paulo — e organizou e prefaciou uma "Antologia dos poetas brasileiros da fase colonial". Não era afeito à publicidade, e procurava fugir das entrevistas, dizendo bem-humorado.

— Eu sou apenas o pai do Chico.

O Globo
27.4.82